

Quando a aula decidiu sair da sala

Roger Miarka

Rio Claro, São Paulo, Brasil

roger.miarka@unesp.br

Livre-docente em Educação Matemática e Aprendiz de Encontros

Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Coletivo Cronopies+

0000-0002-0633-8446

Tenho pensado muito nas salas de aula.

Talvez porque tenha passado anos demais dentro delas. Talvez porque, depois de algum tempo, elas comecem a parecer sempre iguais: paredes claras e sem história, carteiras alinhadas e submissas, uma lousa protagonista à frente posicionada, alguém autorizado a falar e outros muitos autorizados a escutar. Existe algo de silenciosamente disciplinador nesse cenário. Como se o espaço, antes mesmo de qualquer palavra, já ensinasse o que pode e o que não pode acontecer ali.

Foi desse incômodo que nasceu uma proposta de disciplina de Etnomatemática oferecida em um programa de pós-graduação em Educação Matemática por uma dupla de professores¹ com algum desconforto com essa estrutura. E talvez valha a pena começar justamente pela palavra disciplina.

Disciplina. Uma palavra curiosa.

Que carrega organização, mas também contenção.

Que carrega campo de conhecimento, mas também vigilância.

Que carrega estudo, mas também domesticação...

Apostávamos em uma experiência de que essa palavra não dava conta. Encontros pareceriam mais apropriados, afinal, encontros têm outra natureza. Um encontro não

¹ Disciplina “Etnomatemática: fundamentos, perspectivas e desafios”, oferecida pelos professores Roger Miarka e Andréia Lunkes Conrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Rio Claro, no primeiro semestre de 2024. Aqui faço questão de agradecer à parceria da profa. Andréia Lunkes Conrado, com sua presença política, sempre disposta a operar de outros modos na academia. É uma alegria tê-la como amiga de vida e de departamento.



garante antecipadamente o que acontecerá. Ele não tenta controlar os efeitos que produzirá. Um encontro pressupõe presença, abertura, risco e transformação. Talvez por isso a palavra nos parecesse mais honesta para nomear o que estávamos tentando viver.

A ideia inicial era relativamente simples: experimentar com a Etnomatemática outros modos de compreender e de produzir conhecimento juntos. Mas, como descobrimos depois, algumas ideias aparentemente simples têm consequências inesperadas.

No primeiro encontro, apresentamos uma proposta que causou certo estranhamento. Os encontros não aconteceriam sempre na universidade. Cada semana teria um tema próprio e seria realizada em um espaço diferente da cidade, escolhido pelos próprios estudantes. Aliás, esta era uma das únicas regras do curso. Além disso, os grupos seriam responsáveis por organizar as discussões a partir do quinto encontro: selecionar materiais, propor dinâmicas, orquestrar conversas. E, ao longo do semestre, cada participante produziria um “Diário de Afetações”, registrando livremente aquilo que os encontros provocassem.

Não era um diário acadêmico no sentido tradicional. Não esperávamos resumos, fichamentos ou relatórios. Não se tratava de representar o que havia acontecido. O convite era outro: escrever, desenhar, fotografar, gravar áudios, produzir colagens, poemas, pequenos vídeos, o que fizesse sentido para cada um. O que pudesse continuar produzindo afetações. A lógica era a da reverberação com um toque de subversão.

Lembro do silêncio que tomou conta da sala depois da explicação.

Não era resistência explícita. Era mais uma espécie de suspensão. Como se todos tentassem entender em que lugar exatamente aquela proposta queria chegar. Afinal, estamos acostumados a saber qual é nosso lugar na escola e na universidade. O professor explica; o aluno acompanha; a avaliação confirma se o percurso foi realizado corretamente.

Quando essa estrutura vacila, mesmo um pouco, o corpo sente.



O primeiro encontro aconteceu no espaço das assembleias estudantis da universidade, um prédio em ~~abandono~~ reforma há quatro anos após um incêndio, coroadado com um “Fala Mulher!” pichado ao fundo na parede, algo que não passou despercebido. Fizemos uma roda e começamos a conversar sobre cultura, matemática, lutas e Etnomatemática. Mas, honestamente, tenho a impressão de que o mais importante naquele dia não foi o tema discutido. Foi o fato de estarmos tentando construir outra dinâmica de convivência que incluísse mais do que alunos e professores.

Com o passar das semanas, os encontros começaram a circular pela cidade.

Fomos para um horto florestal.

Para um parque.

Para o mercado municipal.

Para uma praça.

Para uma padaria tradicional.

Para um espaço cultural.

Para um projeto social de boxe instalado em antigas cabines ferroviárias.

Para um terreno ao lado de um cemitério.

Cada lugar alterava completamente aquilo que podíamos pensar, dizer e sentir.

No mercado, por exemplo, era impossível discutir práticas culturais sem perceber as formas de organização e negociação, tudo problematizado à luz da Etnomatemática e do que as práticas dali promoviam. A matemática deixava sua dimensão abstrata de lado e começava a surgir na cotidianidade, nos modos de viver, circular e trabalhar.

Na padaria, o encontro ganhou um tom quase doméstico. O café compartilhado produziu uma conversa diferente daquela que normalmente acontece em salas universitárias. Aos poucos, as hierarquias iam perdendo força. Não desapareciam completamente. Professores continuavam sendo professores. Estudantes continuavam sendo estudantes. Mas as posições deixavam de parecer naturais. Alguma coisa ficava menos rígida: o lugar de um e de outro deixava de ser posicionado pelo critério da



autoridade, sendo assumido e atualizado junto à potência da responsabilidade e do compromisso com o encontro. Por vezes menos pelo direcionamento dos professores e alunos, e muito pelo próprio espaço, um *ethno* que apresenta sua força.

Entendemos, juntos, que espaço também educa.

Uma das experiências mais marcantes aconteceu em um projeto social de boxe da cidade. O encontro discutia africanidades e afro-brasilidades. O lugar era cheio de marcas: grafites, equipamentos de treino, vozes atravessando o espaço, histórias de resistência. Em determinado momento, alguns estudantes começaram a compartilhar experiências pessoais relacionadas ao racismo. A conversa ganhou outra densidade. Já não se tratava apenas de discutir um texto teórico ou práticas ao redor. Existia dor circulando ali. Memórias. Experiências muito concretas de luta em meio a um espaço onde corpos aprendiam a lutar. Relatos de superação. Tristeza ao lembrar do regime de exceção de muitas dessas vitórias. Choros de alívio no compartilhamento...

Saí daquele encontro com a sensação de que certos temas exigem outros espaços para acontecer.

A universidade, muitas vezes, tenta produzir uma falsa neutralidade. Como se o conhecimento pudesse existir separado da vida. Mas ali era impossível separar uma coisa da outra.

Talvez fosse justamente aí que a Etnomatemática mostrasse sua potência transdisciplinar. Não somente por questionar os campos de conhecimento constituídos, mas por atravessar suas fronteiras. História, antropologia, matemática, memória, política, corpo, território, arte e cotidiano deixavam de aparecer separados. Tudo se agenciava mutuamente.

A transdisciplinaridade deixava de ser apenas um conceito bonito nos textos acadêmicos e passava a acontecer concretamente nos encontros, nas conversas, nos deslocamentos pela cidade, nos afetos compartilhados.



Os Diários de Afetações talvez tenham sido uma das experiências mais bonitas do percurso. Toda semana, os estudantes compartilhavam seus registros com o grupo. Alguns escreviam longos relatos. Outros produziam desenhos. Havia fotografias, playlists, montagens, gravações de áudio, curadoria cinéfila, poemas...

Uma estudante escreveu que estava começando a perceber a cidade e suas pessoas de outra forma depois dos encontros. Outro estudante desenhou todos os espaços visitados como se estivesse construindo um mapa afetivo do semestre. Houve quem registrasse dúvidas, desconfortos e até irritações. E isso era importante.

Porque, durante muito tempo, a escola nos ensinou que avaliar significa verificar se alguém conseguiu repetir corretamente aquilo que foi ensinado. Os diários operavam em outra lógica. Não buscavam controlar o que havia sido aprendido. Tentavam acompanhar o que havia sido vivido.

Hoje me parece curioso perceber como algo aparentemente simples pode alterar profundamente uma experiência educativa. Mudar os espaços. Compartilhar decisões. Permitir diferentes formas de expressão. Abrir espaço para o afeto. Nada disso exigiu grandes tecnologias ou reformas institucionais complexas. Mas exigiu presença e disposição para abandonar certas seguranças. E talvez esse tenha sido o aspecto mais difícil.

Existe um conforto silencioso em saber exatamente como uma aula deve funcionar. Quando abandonamos esse roteiro, muitas coisas deixam de ser previsíveis. Alguns encontros funcionaram melhor do que outros. Houve cansaço, dificuldades logísticas, inseguranças. Nem tudo virou uma experiência extraordinária.

Mas até isso me parece importante lembrar.

Porque, às vezes, falamos de inovação pedagógica como se ela produzisse automaticamente experiências perfeitas. Não produz. O que ela produz, muitas vezes, é abertura. E abertura sempre envolve risco.



No último encontro, realizado em minha chácara, havia um clima estranho entre nós. Uma sensação de encerramento misturada com continuidade. Como se todos soubéssemos que alguma coisa tinha acontecido ali, ainda que fosse difícil explicar exatamente o quê.

Talvez porque os encontros tenham produzido algo que ultrapassava a própria universidade, e não falo somente de seu espaço físico.

Ao final daquele percurso, comecei a pensar que a Etnomatemática talvez não estivesse somente nos conteúdos que discutimos e nas práticas culturais com as quais compomos, mas também na própria prática de organização de nossos encontros, na distribuição das vozes, em habitar diversos espaços e na atenção às diferentes formas de existência que atravessam e produzem o conhecimento.

E talvez seja justamente aí que a transdisciplinaridade encontre uma de suas formas mais potentes: quando ela deixa de ser apenas trânsito entre áreas e passa a ser também trânsito entre espaços, corpos, territórios e modos de viver.

Uma espécie de transespacialidade.

Quando a aula decidiu sair da sala

When the class decided to leave the classroom

Cuando la clase decidió salir del aula

Resumo

A crônica narra uma experiência desenvolvida em uma disciplina de Etnomatemática em um programa de pós-graduação em Educação Matemática, problematizando a própria ideia de “disciplina” em favor da noção de encontros. Ao deslocar as aulas para diferentes espaços da cidade — como praças, mercados, parques, uma padaria e um projeto social de boxe —, professores e estudantes passaram a construir coletivamente modos outros de produzir conhecimento, avaliação e convivência. A proposta, atravessada por Diários de Afetações, tensionou hierarquias tradicionais da universidade, ampliando espaços para afetos, memórias, narrativas e diferentes formas de expressão. A crônica discute como a Etnomatemática, vivida para além dos conteúdos, revelou uma potência transdisciplinar ao articular corpo, território, política, arte e cotidiano. Ao final, propõe a ideia de transespacialidade como possibilidade de pensar aprendizagens que deslocam não apenas o pensamento, mas também os espaços a partir dos quais pensamos.

Palavras-chave: Etnomatemática. Afetações. Transdisciplinaridade. Encontros. Transespacialidade.

Abstract

This chronicle narrates an experience developed within an Ethnomathematics course in a graduate program in Mathematics Education, problematizing the very notion of “discipline” in favor of the idea of encounters. By moving classes to different spaces throughout the city — such as squares, markets, parks, a traditional bakery, and a social boxing project — professors and students collectively created alternative ways of producing knowledge, assessment, and coexistence. The proposal, intertwined with Diaries of Affectations, challenged traditional university hierarchies, opening spaces for affects, memories, narratives, and multiple forms of expression. The chronicle discusses how Ethnomathematics, experienced beyond curricular content, revealed a transdisciplinary potential by articulating body, territory, politics, art, and everyday life. In the end, it proposes the idea of transspatiality as a possibility for thinking about learning processes that displace not only thought itself, but also the spaces from and with which we think.

Keywords: Ethnomathematics. Affectations. Transdisciplinarity. Encounters. Transspatiality.

Resumen

La crónica narra una experiencia desarrollada en un curso de Etnomatemática en un programa de posgrado en Educación Matemática, problematizando la propia idea de “disciplina” en favor de la noción de encuentros. Al desplazar las clases hacia diferentes espacios de la ciudad —como plazas, mercados, parques, una panadería y un proyecto social de boxeo—, profesores y estudiantes comenzaron a construir colectivamente otras formas de producir conocimiento, evaluación y convivencia. La propuesta, atravesada por Diarios de Afectaciones, tensionó las jerarquías tradicionales de la universidad, ampliando espacios para afectos, memorias, narrativas y distintas

e-Alm. EMT-BR, Salvador-BA, Brasil, v. 2026, n. 1, e106026, 2026.

DOI: <https://doi.org/10.64193/eAlmEMT-BR.2026-e106026>



formas de expresión. La crónica discute cómo la Etnomatemática, vivida más allá de los contenidos, reveló una potencia transdisciplinaria al articular cuerpo, territorio, política, arte y vida cotidiana. Finalmente, propone la idea de transespacialidad como una posibilidad para pensar aprendizajes que desplazan no solo el pensamiento, sino también los espacios desde los cuales pensamos.

Palabras clave: Etnomatemática. Afectaciones. Transdisciplinariedad. Encuentros. Transespacialidad.

